

**O “CORPO” DO JORNAL E O SUJEITO URBANO: JORNALISMO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

Telma Domingues da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão sobre o discurso jornalístico em um momento de mudança, a partir do advento da tecnologia digital. Essa tecnologia age na identificação de jornalistas e leitores em relação a “o que é o jornal”. A análise da enunciação em torno desse momento no meio jornalístico aponta para um jornal que acaba e um jornal que fica: ou seja, a designação jornal mantém-se em referência a um conjunto determinado de textos em que se destacam as “notícias”, embora a materialidade digital faça (d)esse objeto (um) outro. A análise dessa enunciação e do acontecimento da tecnologia digital na prática jornalística se faz através da metodologia da análise de discurso, com os conceitos de *formações imaginárias* e *interdiscurso*, de Pêcheux (1988), bem como da distinção proposta por Orlandi (2001) entre *constituição*, *formulação* e *circulação* do discurso. Verificou-se, com esta análise, que na transferência do sentido de jornal para a materialidade digital funciona a produção de uma identidade corporativa – mais exatamente, o reforço da identidade corporativa que já funciona – sobre esse corpo enquanto imagem (imaginário), que se marca graficamente.

Palavras-Chave: Discurso jornalístico. Texto jornalístico. Sujeito leitor. Discurso urbano.

INTRODUÇÃO

O ano de 2010 foi um momento importante para a prática do jornalismo no país, quando jornais de referência passaram por re-estruturações em função de esta atividade confrontar-se com a tecnologia digital, que nela intervém drasticamente. Hoje, a prática jornalística, especificamente no meio profissional

relativo ao chamado “jornalismo impresso”, pode se realizar na forma gráfica e na forma digital.

Primeiro os jornais *O Estado de S. Paulo* (em 14 de março) e *Folha de S. Paulo* (em 23 de maio) realizaram mudanças editoriais, contemplando essa divisão sobre a prática do jornalismo voltado a um público leitor. As mudanças incidiram sobre a redação, enquanto corpo de jornalistas, de modo a acomodar o fato de “o jornal” dessas duas empresas sendo produzido em dois diferentes “suportes” ou “plataformas” – segundo as expressões correntes no meio. Já em 31 de agosto de 2010, o *Jornal do Brasil*, por sua vez, fez circular a sua última edição impressa.

Esses três momentos apontados exemplificam acontecimentos que, no âmbito da prática da redação jornalística, funcionam como marcos de uma determinada “mudança em andamento”, permitindo-nos compreender o processo discursivo que produz simultaneamente o jornal, o jornalista e o jornalismo na sociedade. Nas reformulações do produto jornalístico, a instituição “fala” (através de seus jornalistas, editores, diagramadores etc.) sobre o que está sendo realizado ao seu leitor (“mensagens” no próprio jornal) ou ao público em geral (“mensagens” em outros meios de comunicação), assinalando-se aí sentidos publicitários que podem se constituir associados às mudanças editoriais. Nesse caso, porém, parece não ter havido um investimento na divulgação dessas reformulações para um público mais amplo. A Folha fez um filme documentário, que pode ser encontrado *on line* (cf. “O jornal do futuro”, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/739063-documentario-revela-bastidores-das-mudancas-na-folha.shtml>), e o Estado um caderno especial. Podemos dizer que, a partir desse contexto regional (São Paulo/ Rio de Janeiro), o ano de 2010 é significativo de certo re-ordenamento no jornalismo brasileiro.

Assim, mudanças/reformulações da/ na imprensa são acompanhadas de um “discurso sobre”. Para além do texto publicitário que se volta ao público para promover e divulgar as empresas jornalísticas, outros elementos podem aí ser compreendidos. O filme documentário e o caderno especial revertem-se em documentos sobre a ocorrência das mudanças históricas, enquanto produzem sentidos de modernização para a imprensa. Representam uma ruptura pela própria inscrição da diferença numa ordem serial em que as edições diárias se sucedem, constituindo-se em um acontecimento discursivo, de cunho

metalingüístico, através do qual na enunciação, a partir da imprensa, mobiliza-se uma *memória discursiva* sobre o fazer jornalístico e sobre o jornal – cf. Pêcheux (1997), que define o *acontecimento discursivo* como encontro de uma atualidade e uma memória.

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a prática jornalística voltada para um público específico, o leitor. A partir de uma abordagem discursiva, e concebendo o jornal como constitutivo do sujeito urbano, procuro compreender esse momento em que as redações produzem um jornal *on line* e um jornal no papel. A reflexão se faz com base na análise do discurso sobre a mudança, a partir de enunciados que se originaram de comunicações das empresas jornalísticas, e suas condições de produção.

Não se trata de comparar dois diferentes produtos. Também não se trata de realizar uma previsão sobre o futuro do jornalismo, mas sim de compreender um pouco o significado destes acontecimentos no contexto de um discurso urbano e problematizar a concepção destas duas materialidades como diferentes “suportes” ou “plataformas”.

A reflexão aqui realizada está relacionada a pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Estudos Urbanos – Labeurb/Unicamp, por outros pesquisadores e por mim, como pesquisadora atualmente no Projeto e-urbano, coordenado por Cristiane Dias.

O JORNAL E O SUJEITO URBANO

Em pesquisa anterior (Silva, 2001), abordei os manuais de imprensa enquanto fato discursivo. A partir da concepção de Auroux (1992) de *instrumentos de gramatização*, compreendi o manual como um elemento através do qual se institui um lugar de autoridade para a imprensa sobre a normatividade da língua e sua textualização. Desse modo, o manual relaciona-se com os *instrumentos de gramatização* da língua portuguesa no Brasil, isto é, com a gramática e o dicionário, com os quais se daria preferencialmente o processo de aquisição da escrita. Os manuais falam da língua escrita a um sujeito que já passou pela escola, de modo que podemos dizer que os instrumentos de gramatização funcionam como *pré-construído* (Henry, 1992) na enunciação dos manuais. E

dizem, sobre essa língua escrita aprendida na escola, representativa do cidadão brasileiro:

a) que é uma língua mal-sabida, na medida em que determinadas questões gramaticais precisam ser re-lembradas;

b) que o modelo textual literário deve ser abandonado, se o sujeito quiser ser jornalista (ou “apenas” comunicar-se).

O trabalho mencionado abordou, portanto, o jornalismo enquanto prática textual e a formação do jornalista como um *sujeito-escritor* – que, segundo mostra a análise realizada, seria o escritor da comunicação, produzido pela enunciação do manual através de uma série de indicações sobre o texto, como, por exemplo, não utilizar certos adjetivos e advérbios. Tais indicações remetem ao funcionamento de uma memória discursiva sobre o que seria um texto, um bom texto, nessa nossa sociedade escolarizada. Marca-se então uma oposição entre a escrita desejável no jornalismo, a “escrita da comunicação”, em relação a uma outra escrita, a *escrita literária*, que seria resultante da escrita modelo da/na Escola: o texto situado como exemplar na escola é o texto literário até a década de 60, quando materiais da mídia passam a se colocar também como modelos textuais.

Veja que a sociedade brasileira expande a escola e o ensino da língua escrita, na década de 1960, simultaneamente às telecomunicações, depois se “democratiza” ou se “re-democratiza” com a Abertura que segue ao regime militar, na década de 1980. A partir da expansão do ensino, passa a ser importante considerar na escola que a escrita é também uma forma de comunicação. Nesse contexto, como parte de um mesmo processo histórico, os manuais colocam-se como auxiliares para o acesso do brasileiro à língua escrita, tendo como posto que nem todos que escrevem são ou serão escritores, em um sentido literário.

Retomo brevemente essas considerações sobre os manuais, tendo em vista que o presente trabalho representa certa continuidade da reflexão sobre a escrita jornalística. Parto aqui de uma concepção de *jornal* como *texto*, no sentido em que Orlandi (2001) trabalha essa noção. A autora distingue *constituição*, *formulação* e *circulação* e compreende a formulação como o modo pelo qual o discurso toma corpo: “Formular é dar corpo aos sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 9). O jornal tem sido um modo pelo qual a prática discursiva da imprensa se formula, voltando-se ao cidadão. A formulação depende de circunstâncias, dos discursos

que a produzem, bem como da própria materialidade:

Formulação que se desenha em circunstâncias particulares de atualização, nas condições em que se dá, por gestos de interpretação e através de discursos que lhe emprestam 'corpo' (ibidem: 10).

Que discurso urbano significa o jornal? Ou: como o jornal significa o urbano? O que as diferentes materialidade implicam para essa significação?

A partir de uma abordagem discursiva, podemos dizer que, no imaginário das Comunicações, a comunicação com o cidadão realiza-se a partir de muitas *formulações* em diversas *circulações*, produzindo-se com isso os sentidos de expansão das suas possibilidades. No contexto das Comunicações, em geral, a tecnologia digital instaura outros “ambientes”, agindo na sua produção imaginária, por exemplo, com o imaginário da interatividade presente hoje como algo que identifica as possibilidades da comunicação eletrônica.

É interessante questionarmos acerca do modo como o meio digital tem movimentado a Comunicação institucionalizada no Brasil, em termos de suas práticas textuais e discursivas – considerando que essa comunicação se volta para um determinado *sujeito político*, que, no contexto da sociedade de direito, constitui-se como *cidadão*. Tem-se que o real das condições de produção das comunicações irá transformar-se, a partir dos instrumentos que essa tecnologia digital oferece. Ao mesmo tempo, o acontecimento dessa tecnologia age na própria produção imaginária que sustenta as Comunicações em seu funcionamento institucional, reformulando-se no digital a mesma ideologia da comunicação como evento livre e acesso generalizado.

Orlandi, por outro lado, distingue *criatividade*, em que há deslizamento e ruptura de sentidos, e *produtividade*, em que há “a reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente” (ORLANDI, 2001, p.179-180). Essa distinção é importante para refletirmos sobre a profusão da mídia, em que se verifica, justamente, muita produtividade e pouca ruptura e criatividade. Nessa direção, a concepção de “suporte” ou “plataforma”, que são as designações presentes no âmbito das Comunicações, pode, a meu ver, escamotear a realidade dessa mudança histórica, simplificando-a em certa medida e funcionando preferencialmente na direção da produtividade. Isto é, tende-se à manutenção da relação instrumental com a linguagem e conteudista para com o dizer,

concebendo-se este como mais um meio de comunicação, de tal modo que diante de um “dado conteúdo” a ser divulgado, hoje o jornalista teria também o digital como possibilidade de produção textual.

Compreendo que a materialidade da linguagem é constitutiva do dizer, portanto, necessariamente a imprensa diz diferente em um ou outro meio, e, nesse sentido, nem a produção do texto jornalístico, nem o próprio jornalista seriam “os mesmos”.

É através de uma compreensão discursiva que se desloca, como diz Orlandi (2001), o sentido de texto enquanto *documento* para o de *monumento*. A noção de texto enquanto unidade imaginária produz conseqüências analíticas diferentes de se compreender enquanto gênero ou tipo, diz a autora. Então, tomo o “jornal” como essa unidade imaginária que é o texto, que se autoriza pela remissão às figuras responsáveis pela redação jornalística, mas, sobretudo, pelo próprio funcionamento simbólico e imaginário da imprensa, à qual as empresas jornalísticas se ocupam de sustentar e re-afirmar.

E o que é o jornal, em sua história e diante dessa nova realidade na sua produção?

O jornal é um *monumento* da inscrição da imprensa na vida urbana e, em sua interlocução com o cidadão, é constitutivo do sujeito urbano. Quando falo, no caso, de interlocução, estou me referindo ao processo discursivo descrito como os lugares que são colocados em jogo em uma dada situação: tais lugares são compreendidos não como feixe de traços objetivos, mas a partir da concepção das *formações imaginárias* (PÊCHEUX, 1969). Nesse sentido, em cada momento do processo discursivo, no jornalismo produz-se uma determinada imagem de sujeito cidadão enquanto sujeito urbano. E o sujeito urbano é hoje o sujeito que circula na web, espaço que vem a ser ocupado também pelos jornais, pela imprensa já re-conhecida do cidadão brasileiro.

A compreensão do jornal como unidade imaginária, em uma formulação específica, implica problematizar justamente a visão de que é, em certa medida, um mesmo texto jornalístico que se escreve (e se inscreve) em “qualquer plataforma”. Toda produção textual implica na produção de um dado corpo que como tal circula. E, portanto, não haverá percursos paralelos para esse sujeito urbano, que é o leitor, diante de um corpo significativa do jornal em simultaneidade a dois diferentes meios: podemos talvez, de início, observar que,

entre um meio e outro, de um objeto jornal levado ao sujeito urbano (a circulação **do jornal** impresso na cidade...) passamos a um sujeito urbano levado a um objeto jornal outro (a circulação do sujeito **no jornal** digital, que é por ele “acessado”...).

Ou seja, estamos vivendo um momento em que a relação com o meio digital desestabiliza uma forma de presença e constituição do espaço urbano, que é o jornal. E essa significação é tal que a prática do jornalismo funciona por identificação com essa mesma presença, e incorpora também o profissional do meio, o chamado *jornalista*. A unidade jornal relaciona-se ao que significa essa prática específica enquanto discurso urbano *sobre* a sociedade, como instaurador de cidadania.

Elemento simbólico do cotidiano urbano, o jornal em sua materialidade gráfica remete aos seus modos de circulação: a exposição nas bancas, a entrega nas residências, a presença em espaços de circulação/ estar, como salas de espera, por exemplo. No jornal, um efeito de atualidade. A primeira página data, identifica-se, por exemplo, o dia com a imagem da primeira página, em uma composição do nome do jornal com a sua manchete e foto. E sintetiza: a primeira página do jornal diz ao leitor “o que aconteceu hoje”. Ao mesmo tempo, com o jornal em sua presença nas cidades, produz-se uma determinada “visão do mundo” para o sujeito: o sujeito urbano é um sujeito cosmopolita e atualizado.

A redação jornalística se faz através das edições diárias, e essa prática de uma escrita jornalística que vai todos os dias a público, em um conjunto diversificado de textos, produz a unidade *jornal* – uma unidade heterogênea, constituída de outras unidades, nas séries de diferentes textos e tipos de textos (notícias, editoriais, fotografias, quadrinhos etc.). Como produto final dessa atividade cotidiana da imprensa, *jornal* implica uma determinada organização (unidade imaginária) dessa escrita específica (o discurso jornalístico) e a convivência e confronto com as outras escritas: a literária na crônica, o humor nos quadrinhos e charges, o artigo da crítica... Isto é, enquanto efeito de unidade, que é da ordem do imaginário, a prática jornalística produz o “jornal”, corpo que se faz presente de certo modo na vida urbana:

O jornal, de *jour* em francês, que também pode ser chamado de diário ou periódico... Trata-se, pois, de uma delimitação do objeto

do jornalismo, que:

- permite para a prática jornalística, através dessa cobertura programada e periódica do acontecimento histórico, que esta se constitua ela mesma em uma marca temporal (o jornal é a própria atualidade, diária, se fazendo na história...). Desse modo, o jornalismo inscreve o sujeito 'em seu tempo', inscrevendo-o, por outro lado,
- em uma espacialidade difusa, na medida em que traz, de maneira institucionalizada, notícias de diferentes 'lugares' de interesses, próximos e distantes quanto às suas referências históricas (SILVA, in ORLANDI 2001, p. 152).

É em sua própria materialidade que o jornal é significante da sociedade e do sujeito urbanos: produzem-se com ele efeitos de sentido de *atualidade* e de *universalidade*, associado que está às formas não só de constituição de um discurso jornalístico, mas pela sua especificidade de formulação/ circulação, que se faz marcada pela *periodicidade* (em uma imagem de ocupação temporal) e pela *difusão* (em uma imagem de ocupação espacial). Isto é, estou aqui fazendo uma re-leitura das quatro características do jornalismo segundo Otto Groth, que seriam a *atualidade*, a *universalidade*, a *periodicidade* e a *difusão* (Cf. BUENO, 1972). Assim, podemos compreender o corpo do jornal como um monumento no sentido de um funcionamento simbólico da cidade através dele: a cidade e o seu dia-a-dia estão ali discursivamente produzidos pela narratividade da imprensa corporificada no diário ou jornal.

Em certo sentido, a identidade/ identificação da prática jornalística e do jornalista ficam ameaçadas com a tecnologia digital. A relação com o meio digital desestabiliza: onde encontrar hoje o sujeito urbano? O que se apresenta no momento são novas formas de constituição do(s) espaço(s) urbano(s), através da web, e um enfraquecimento do jornalismo impresso diante das novas exigências de uma atualidade e difusão.

A tecnologia digital representa uma crise para a imprensa escrita, em especial ao jornalismo diário, diferente da crise já experimentada anteriormente com a televisão, a partir da realização de um jornalismo eletrônico, em que também funciona a designação *jornal*. O Estado, a Folha e o JB responderam diferentemente a essa crise atual, mas todos se voltaram para o reforço de uma identidade corporativa do jornal, através da marca traduzida em elementos gráficos como os tipos, por exemplo, e de uma memória, de uma história dos jornais, em sua função na sociedade democrática, voltada à produção de

cidadania. O Estado mantém duas redações integradas; a Folha agora tem uma só redação para a produção do jornal impresso e do jornal *on line* e o JB é encontrado hoje apenas na versão digital. Assim, os sentidos de uma divisão ou de uma fusão ou da extinção mesma ameaçam a identidade do jornal, enquanto corpo significante que reflete o trabalho do jornalista.

A partir desses diferentes casos, pode-se dizer: que o *jornal* (em sua versão escrita, ou seja, que se dirige ao cidadão enquanto leitor) passa a se dividir com o meio digital, ou que se funde ao digital ou que é/será abolido em favor do digital. São três modos se colocar a presença dos jornais para o leitor, tendo em vista as diferentes materialidades em que se produz. Isto se apresenta através da análise das próprias mudanças realizadas e do “discurso sobre” que as acompanha, em que percebemos as marcas de um movimento no sentido de reforçar uma identidade para “jornal”, de manter essa unidade imaginária.

A memória dos jornais, de um jornalismo diário brasileiro é convocada como forma de sustentar essa prática em seu reconhecimento público. No documentário produzido pela *Folha de S. Paulo* isto pode ser observado, mas também em textos *on line*, como no site do *Jornal do Brasil*, que diz que este foi pioneiro na introdução da diagramação no jornalismo impresso e é hoje o primeiro a abolir a sua versão impressa.

Conhecido em seu corpo impresso, a unidade do jornal hoje é re-produzida diante dos sentidos presentes de um futuro “incerto”, de uma ameaça ao seu desaparecimento. A ameaça, o risco são re-significados, em um movimento que indica o desejo de que o jornal seja “preservado”, que possa de alguma forma continuar.

Assim, a partir da posição desse jornalismo diário, as falas dos profissionais da imprensa remetem à possibilidade de uma transferência do sentido de jornal enquanto unidade imaginária. Observa-se nessas falas a repetição de uma sintaxe que associa primeiro uma negação e depois uma afirmação. O negado nessas formulações indica algo que está dito no interdiscurso, tendo em vista a memória discursiva que atravessa o sujeito jornalista e o sujeito leitor de jornais:

não está ameaçado, está revigorado [interdiscurso: o jornal está ameaçado]/ o que está em risco é um modelo, um suporte

[interdiscurso: o jornal está em risco]/ não importa se é no papel [o interdiscurso: jornal é em papel].

A análise discursiva dos enunciados acima faz aparecer o fato de que a negação de um dizer é uma forma de trazer à tona novamente esse dizer. Assim, embora o risco, a ameaça sejam em parte negados, são aí também em parte reafirmados e o dito no interdiscurso se faz presente: “o jornal está ameaçado” porque “o jornal é em papel”. A transferência do termo jornal para a prática da imprensa na tecnologia digital se faz aqui pela significação do meio enquanto “apenas” um “suporte”.

Podemos localizar duas diferentes posições de sujeito na relação com a produção do jornal. O jornalista é o empregado do jornal e é também o empresário, o administrador dessa empresa com características específicas:

Acho que não pode ser a preocupação *do repórter* saber se o jornal vai ou não acabar. Acho que a preocupação *do repórter* é estar preparado para colocar suas informações em qualquer plataforma./ *A gente* não vende papel, a gente vende é informação [grifos meus].

Nas duas enunciações acima percebemos a posição da empresa: o sujeito que aí enuncia fala do repórter como um terceiro, o que significa que está se vendo e se significando em um outro lugar – do qual se pode dizer algo sobre a preocupação do repórter em relação ao futuro do jornal. No outro enunciado transcrito acima, o sujeito se insere, através da expressão “a gente”, quando se trata de falar do jornal como um produto de mercado.

Assim, nessas duas últimas enunciações, percebe-se o funcionamento de um discurso empresarial sobre as novas possibilidades do jornalismo que se realizava então através dos jornais em sua atualidade diária. E o documentário aqui analisado, portanto, mostra-se como um modo da empresa jornalística responder ao repórter em relação a suas inquietações sobre o futuro do jornal.

CONCLUSÃO

A atualidade e a difusão (como produção de um caráter cosmopolita para o sujeito urbano através da imprensa) são ainda as características que identificam o sujeito urbano, e isso é ainda constitutivo do discurso jornalístico, mas hoje elas seriam melhor realizadas e representadas através do meio digital. A atualidade nesse caso é a atualidade não do “diário”, mas do chamado “tempo real”. Assim, a Folha identifica-se: Folha.com – Primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa; o Estado, Estadão.com.br: A versão on-line do jornal *O Estado de S.Paulo*; e o JB, jb.com.br, o primeiro jornal 100% digital do país. Os slogans dos três jornais no digital são representativos das posições que eles tomam nesse momento em relação à divisão.

Entre a Folha e o Estado, há concorrência e uma segmentação de público, sendo que o Estado assume uma imagem mais conservadora. Nesse caso, verifica-se a manutenção da imagem do jornal impresso, que fica como a referência do outro, de maneira mais evidenciada. Mas, em todos os três casos, as referências aos jornais impressos são muito presentes, por exemplo através da manutenção da “identidade gráfica” das empresas com tipos exclusivos (a Folha voltou a utilizar a fonte *Folha serif* e o Estado criou a fonte *Estado headline*).

E não poderia mesmo ser diferente, pois as empresas jornalísticas trazem essa história de um jornalismo nas bancas como conceito de qualidade de informação, confiabilidade etc. Assim, as ligações entre uma história de jornalismo impresso e a modernização do jornalismo vão se apresentar nesse grande deslocamento do papel impresso para a tela:

The image shows two screenshots of newspaper websites. The top screenshot is the homepage of FOLHA DE S. PAULO, featuring the masthead 'FOLHA DE S. PAULO' in large black letters, the date 'TERÇA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 2011', and the website URL 'WWW.FOLHA.COM.BR'. It also includes a search bar and a 'Fac-símile da capa' button. The bottom screenshot is the homepage of ESTADÃO.COM.BR, featuring the masthead 'ESTADÃO.COM.BR' in large blue letters, the date '20:11 - 22 MARÇO DE 2011', and a search bar. It also includes a 'Veja o tempo' button and a 'CLASSIFICADOS' button.

The image shows the homepage of JORNAL DO BRASIL, featuring the masthead 'JORNAL DO BRASIL' in large blue letters, the date 'Terça-feira, 22 de março de 2011', and the website URL 'jb.com.br'. It also includes a search bar and a 'CLASSIFICADOS' button.

Uma série de elementos são significativos desde o próprio nome desses jornais que remetem à história do jornalismo brasileiro. E ainda, por exemplo, a data de fundação do JB (1891), o desenho símbolo do Estado (um cavaleiro em seu cavalo com uma corneta, que representa a venda avulsa do jornal), a imagem em fac-símile da capa do jornal, que é levada ao jornal *on line*, a utilização dos mesmos tipos, sobretudo na escrita dos nomes dos jornais, são elementos que dão o sentido da continuidade.

Por outro lado, o jornalismo digital traz a possibilidade de “navegação” ampliando a leitura para o leitor na medida do seu interesse e curiosidade: galerias de fotos, edições anteriores etc., a tecnologia digital oferece a possibilidade ao sujeito de “acesso” a arquivos diversificados. E ainda, em “tempo real”, o sujeito pode receber as notícias através de aparelhos diversos (celular, IPAD) ou em suas comunidades virtuais (Twitter, facebook, etc.), reproduzindo-se os espaços de encontro do sujeito com o jornal.

Nesse sentido, essas mudanças falam de um sujeito urbano contemporâneo o qual está conectado a diferentes aparelhos e “espaços virtuais”, em uma entrada na tecnologia que lhe permitiria reconhecer-se como tal através desse imaginário de um corpo virtual, que está ao mesmo tempo em vários

lugares, ligado a diferentes “fontes”.

LE «CORPS» DU JOURNAL ET LE SUJET URBAIN: JOURNALISME ET NOUVELLES TECHNOLOGIES

RÉSUMÉ

Ce travail est une réflexion sur le discours journalistique à un moment de changement, à partir de l'avènement de la technologie numérique. Cette technologie fonctionne dans l'identification des journalistes et des lecteurs par rapport à «ce qui est le journal». L'analyse de l'énonciation au tour de ce moment dans le moyen journalistique observe un journal qui termine et un journal que reste: c'est-à-dire, la désignation 'journal' s'est maintenue en référence à un ensemble déterminé des textes où les notices sont démarqués, bien que la matérialité numérique fasse (de) ce objet un autre. L'analyse de cette énonciation et de l'événement de la technologie numérique dans la pratique journalistique est fait à travers la méthodologie de l'analyse du discours, avec les concepts de *formation imaginaires* et *interdiscours*, de M. Pêcheux, ainsi que la distinction proposée para Orlandi (2001) entre constitution, formulation et circulation du discours. On a vérifié, avec cette analyse, que dans la transfert du sens de journal à la matérialité numérique fonctionne: la production d'une identité corporative – plus exactement, le renforcement de l'identité corporative qui fonctionne déjà – sur ce corps comme image (imaginaire), qui s'est marqué graphiquement.

Mots-Clés: discours journalistique. texte journalistique. sujet-lecteur. discours urbain.

Nota

¹ Doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BUENO, Wilson da Costa. *O jornalismo como disciplina científica: contribuição de Otto Groth*. São Paulo: ECA/ USP, 1972.

DIAS, Cristiane (org.). *E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital*. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano>>, 2010.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita – língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni. *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. (org.), *Cidade atravessada*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

_____. (1969) Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Campinas: Editora da Unicamp, 1990, pp. 61-161.

SILVA, Telma Domingues da. Os manuais de imprensa: da redação à circulação pública. In: ORLANDI, E. (org.), *História das Idéias Lingüísticas no Brasil*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. A língua na escrita jornalística. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e circulação do conhecimento*. Campinas: Pontes, 2001.